

**“A mulher afortunada”,
de Donaldo Schüler:
solidão, individuação,
sensibilidade e escrita-de-si**

**“A Mulher Afortunada”
by Donaldo Schüler:
solitude, individuation, sensitivity
and self-writings**



Lúcia Regina Lucas da Rosa

Doutoranda e Mestre em Letras (UFRGS). Professora do Curso de Letras (UNILASALLE).

Nádia Maria Weber Santos

Doutora em História (UFRGS). Médica Psiquiatra. Professora do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais e do Curso de História (UNILASALLE).

Recebido para avaliação em novembro de 2011.
Aprovado em dezembro de 2011.

Resumo

Este artigo trata da novela “A Mulher afortunada” de Donaldo Schüler, escrita há 30 anos, sob os pontos de vista da Literatura, História Cultural e Psicologia Analítica. Ao apresentarmos o enredo literário, descortinamos elementos relativos a sensibilidades de uma mulher gaúcha que, em seu tempo e de seu jeito, questiona sua vida, seu casamento e seu entorno, deixando registrado na escrita intimista a busca de si mesma.

Palavras-chave: Donaldo Schüler; Literatura gaúcha; História Cultural; Psicologia Analítica; sensibilidades.

Abstract

This paper discusses the novel "A Mulher Afortunada" by Donaldo Schüler, written 30 years ago, under the viewpoints of Literature, Cultural History and Analytical Psychology. In presenting the literary plot, we reveal details of the sensitivities of a woman who, in her own time and in her own way, questions her life, her marriage and her surroundings, recording the search of herself in an intimate writing.

Keywords: Donaldo Schüler; *Gaúcho* Literature; Cultural History; Analytical Psychology; sensitivities.

Introdução

Este artigo ancora-se em um exercício interdisciplinar, no qual procuramos cruzar algumas áreas do conhecimento: Letras, História Cultural e Psicologia Analítica.

Partindo de uma ideia de homenagear a novela “A Mulher Afortunada”, que neste ano de 2011 completa 30 anos, e seu autor, Donaldo Schüller, analisamos de uma forma inédita as ideias contidas no texto, à luz da Literatura e da História Cultural, e sua interlocução com alguns conceitos da Psicologia proposta pelo psiquiatra suíço Carl Gustav Jung.

Nestes 30 anos de publicação desta novela, a sociedade ainda ratifica a situação da protagonista, uma vez que se trata de um relato de uma mulher solitária, perdida em sua própria casa e em busca do encontro consigo mesma. Aliada a uma literatura intimista, esta obra mantém-se atualizada quanto ao tema e à forma de construção narrativa, seguindo uma tendência inaugurada por Clarice Lispector.

Parte I

“A Mulher Afortunada”, Donaldo Schüller

Um texto emocionante sobre a alma humana, sobre a solidão, a busca e a identificação.

Lúcia Regina Lucas da Rosa

A novela “A Mulher Afortunada”, de Donaldo Schüller, foi publicada em 1981 pela Editora Movimento. A obra começa com “Nota ao leitor” em que um homem diz que, ao se mudar, encontra uns papéis velhos, escritos de uma antiga moradora a respeito de sua vida e seu casamento. Em “Nota ao leitor”, é um aviso do narrador, ele se exime da narrativa ao criar outro narrador para contar a história. Tal recurso remete-nos a Machado de Assis, no livro “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, publicado em 1881, há 130 anos, em que o autor faz uso de negações ao dirigir-se “Ao leitor” com explicações sobre o quanto o livro poderá ser desagradável aos leitores. Brás Cubas, o protagonista, finaliza este recado desta forma: “A obra em si mesma é tudo: se te agradar, fino leitor, pago-me da tarefa; se te não agradar, pago-te com um piparote, e adeus” (p. 16)¹. Nesta analogia, podemos acrescentar o final do capítulo I em que Natacha, protagonista de “A Mulher Afortunada”, assim dialoga com o leitor: “Se estás disposto a te envolver numa aventura de que nem eu mesma sei o fim, escuta-me. Caso contrário, abandona estes papéis e escolhe alguma coisa mais divertida. Dizem que há tantas...” (p. 12).

Dessa forma, trata-se de um recurso já consagrado na literatura brasileira em que

aproxima o leitor da obra e tenta estabelecer um canal de reflexão juntamente com ele.

Trataremos dessa questão reflexiva da negação de si por parte das personagens a partir dos conceitos de Zygmunt Bauman (2005) em entrevista a Benedetto Vecchi sobre a identidade. Bauman, associado à complexidade que envolve o pertencimento, trata da transitoriedade de condição do indivíduo, em que “a fragilidade e a condição eternamente provisória da identidade não podem mais ser ocultadas” (BAUMAN, 2005, p. 22).

Nesta perspectiva, a partir do cap. I, Natacha assume a narração em 1ª pessoa. Ela começa a narrar a partir de uma possibilidade de si, não tem certezas sobre a vida, o que se manifesta ao longo da narrativa: “Sou o que se poderia chamar uma mulher feliz” (p. 11), “Parece que sou bonita” (p. 13), “eu inventei Nada” (p. 17), “Não sei nunca realmente a minha situação” (p. 34), “Nada, não ouve nada” (p. 45). Aqui se percebe uma tentativa de se autodenominar, numa fragilidade sobre si e sobre sua própria visão de pessoa. Define a sua intenção em escrever e, para tanto, narra “aos saltos”, são fragmentos de memória, dores, sentimentos, desejos, frustrações...

Na narrativa aparecem muitas outras negações: “não sou escritor [...], não é minha intenção [...] não escrevo para ninguém [...], não sei escrever [...], por vaidade, não digo a

minha idade” (p. 12). A busca de afirmação e de entendimento traduz-se em uma linguagem que nega afirmando, o que contraria o título. Há uma vontade de ter segurança e de se autodefinir, a angústia toma conta da personagem, o que dificulta o seu próprio entendimento. Ocorre, neste caso, predições sobre a própria vida, o que, no dizer de Bauman, assim se configura:

O anseio por identidade vem do desejo de segurança, ele próprio um sentimento ambíguo. Embora possa parecer estimulante no curto prazo, cheio de promessas e premonições vagas de uma experiência ainda não vivenciada, flutuar sem apoio num espaço pouco definido, num lugar teimosamente, perturbadoramente, “nem-um-nem-outro”, torna-se a longo prazo uma condição enervante e produtora de ansiedade. (BAUMAN, 2005, p. 35)

No decorrer do texto, há referência direta ao título: “Meus pais e meus irmãos julgam que sou a criatura mais afortunada que Deus botou na terra”. (p. 12) - visão externa, da família, expectativas de vida padronizada por uma sociedade convencional em que a mulher casa, tem seus filhos e, por isso, vive feliz para sempre. Porém a personagem-narradora revela um eu em crise: “Procuro extrair de mim mesma o outro que não encontrei entre os outros” (p. 12). A solidão, ao mesmo tempo em que traz a reflexão, torna-a perdida em seus pensamentos e em sua própria casa. Não é à toa que os papéis foram encontrados no porão.

Natacha diz preocupar-se com o sentido da vida, e não com a filosofia; lembra o Ivan,

um amigo de adolescência e o ridiculariza pelas ideias excêntricas:

Dado a filosofias. Bobagem! A gente não escolhe nem o próprio nome [...]. Natacha é o nome de uma personagem de Dostoiévski, nome vulgar na Rússia? Por isso mesmo. O vulgar é o universal, não é assim, Ivan? Veja a frivolidade das mulheres. Natacha é diminutivo de Natália, nome relacionado com Natal, nascimento, vida. Sou contra a brutalidade, a insensibilidade, a destruição. Quero ser Natacha e sou Natacha. (p. 14-15)

Relativizando o que é ser universal, descreve a condição da mulher num misto de ironia e constatação. Descreve a rotina do casamento e termina com “E dizem que isto é ser feliz” (p. 13). Inicia o cap. III buscando diálogo com o leitor, diz que precisam se apresentar, então cria o leitor: “Tu não existes, nem chegarás a existir provavelmente. Pois eu vou criar-te. Aliás, já estavas criado no momento em que me dirigi a ti. Tirei-te da minha carne” (p. 14). O poder de criação, tanto da condição feminina, quanto da solidão da personagem se vinculam à necessidade de construir algo, alguém e a si próprio, enfim, dar sentido à falta de lugar para a formação identitária do ser. Este “nem-um-nem-outro” lugar referido por Bauman traz consequências ao cotidiano que desvincula a personagem da família e do seu centro de relações diárias com a vida que leva.

A necessidade de diálogo e interação com alguém a torna angustiada e sem prospecção de futuro. Por isso, cria um outro eu, num contraponto de si mesma. A única

maneira de estabelecer diálogo na casa é conversar com ela mesma, tamanha é a dificuldade de relacionamento. Assim lança as palavras “Nada” e “Ninguém” como suas próprias criações. Diante de um Nada, sente-se à vontade para dizer tudo, tanto que no terceiro capítulo, constituído por duas páginas, repete o pronome indefinido sete vezes e a palavra “não” aparece 18 vezes, fora outras do mesmo campo semântico, como “nem” e “nunca”. Já no capítulo seguinte, em duas páginas e meia, são 18 registros da palavra “não” e 28 da palavra “nada”, na maioria das vezes, com inicial maiúscula. Acrescido do uso do termo “Ninguém”, associado a Ulisses em um episódio de viagens nas lendas gregas. Porém a associação do marido a Ulisses é pela oposição, uma vez que, ao contrário do heroísmo do grego, o marido apenas a diminui e a faz esperar sem chances de um encontro feliz. Em determinado momento, compara-se a um cão, obediente que se deixa arrastar pela coleira. Quando faz afirmações positivas sobre si, faz com ironia: “Orgulho-me de ti. Ninguém tem um marido como eu. Sou a mais feliz de todas as mulheres. Dorme, viaja, mata-te trabalhando, candidata-te à presidência da República, vai pro inferno, eu não tenho Nada, Nada, Nada.” (p. 18)

Após a ascensão social, houve também mudança no relacionamento do casal. A

identificação seguiria a constatação de Bauman no sentido de “dar abrigo a um destino desconhecido que não se pode influenciar, muito menos controlar” (BAUMAN, 2005, p. 36). Assim, Natacha diz que casou com o vendedor e mora com o diretor, perdeu o marido em 10 anos de convivência: “Com ele, vivo estrangulada, sem ele falta-me o ar” (p. 33). Não escolheu o marido, ele que a escolheu e ela se apaixonou, mas “paixão não é escolha, é sentimento irracional que subjuga a gente... A mulher é um objeto que se pede” (p. 15). Queria ter um filho homem que seria igual ao pai (Jorginho), assim entenderia o marido. Mas teve uma filha, Luisinha. Isso a deixou mais transtornada, à medida que a filha a refletia, mais perdida ela ficava. Ao contar histórias para a filha, ela pergunta quem escreveu e a mãe responde: “As mãezinhas, gente que escreve... gente desocupada... que não tem o que fazer, malandros, vivem com a cabeça cheia de fantasia...” (p. 28) Com a filha doente, sente-se bem, “precisa de mim, sou alguém”(p. 28). Nessas contradições, a relação familiar vai, aos poucos, se perdendo pela rotina difícil da convivência, a dificuldade de controlar os destinos e as aspirações coloca o casal frente a frente das oposições em suas características. Para Jorge, no decorrer da narrativa, várias definições: muito metódico, um marido brilhante, um

amor de homem (dorme e não vê nada), o maridinho que sempre quis, homem superior, esfinge, passarinho (cai na armadilha), burrinho, um anjo, homem de sucesso e de visão, marido de segunda mão, homem insípido, sombrio, inteligente, insinuante, tem dinheiro, autômato, sem sentimentos, inteligente, inteligentíssimo. Enquanto que, para Natacha, restava a pacatez e a submissão ao marido: uma tonta, serpente, cobra (símbolo de mulher), má, impulsos de Medeia (contra as amiguinhas do marido), menina bem comportada, esposa compreensível, covarde, um aparelho que não funciona e precisa de conserto.

Outra negação de si ocorre pela constatação do desejo de ter um filho e que se converte em nascer uma filha. Se tivesse um filho homem, ele teria o mesmo nome do pai; porém, sendo menina, não carrega o nome da mãe. E quando ela, a filha Luisinha fica doente, faz com que Natacha se sinta importante. Mais que cuidar da filha, ela vê na doença a salvação de sua angústia, a necessidade de ser útil a alguém, a sua identidade a partir do outro, ocasionando um começo de existência interior. O maior problema pessoal dela é o reconstruir diário, é a sua autovalorização na família e, principalmente, para o marido. A abstração de si é tão grande que ela não se reconhece como

peessoa, como um ser que ocupa um espaço na casa e na vida das pessoas que a cercam:

Às vezes tenho vontade de fugir. Já que não estou estando, estarei na minha ausência. Meu marido sentirá de repente que está faltando alguma coisa. [...] A minha ausência começará a destruir lentamente. O capim sufocará as plantas no jardim. A grama ficará alta. As meninas andarão de vestidinhos sujos. O pó se acumulará debaixo dos móveis, Jorge notará cada vez mais que não estou. Não me viu estando, ele me verá não estando. Eu queria poder ver-me ausente. Descobriu, quem sabe, um sentido que não descobri estando aqui. (p. 57)

Para fechar a narrativa, o pânico se instaura na personagem. Natacha se apega à fraqueza do marido em não cuidar da casa, não fechar janelas e portas. Ouve um barulho e fica apavorada, imagina um assalto e a própria morte, assassinada pelo marido. Sente-se ainda mais solitária: “Eu neste estado e ninguém comigo” (p. 63). Conversa com o marido como se ele estivesse ali, fala do seu cuidado com ele, com a casa e com a família. Lembra-se da recomendação do médico em tomar o remédio, pensa que o marido deve ter escondido o calmante para que ela tenha um ataque cardíaco. Pega a arma e ameaça atirar em quem estivesse chegando à casa (um possível ladrão). E termina assim, num gesto de atitude destrutiva, mas enfim, ocorre uma ação por parte dela, única reação diante daquela vida tão inerte.

Parte II

Individuação, sensibilidade e escrita-de-si

Nádia Maria Weber Santos

Para poder discutir um texto literário a partir da História Cultural e ao mesmo tempo da Psicologia Analítica, que são os lugares de onde faço minha reflexão, dois núcleos de conceitos que dialogam entre si podem lançar luzes sobre a obra aqui discutida: são eles, o conceito de “sensibilidades” (sob o prisma da História Cultural) e o conceito de “individuação” (da Psicologia Analítica, ou Psicologia Junguiana). Ambos interagem nesta obra literária, a partir do que se convencionou chamar de “a escrita de si” ou “escritas auto-referenciais” ou ainda “escritas comuns ou ordinárias”, aquelas do dia a dia, feitas sem a intenção de serem obras literárias. Pois é disto que trata, neste enfoque, o conteúdo desta ficção. Estamos diante de um “arquivamento da própria vida”. E é na profícua relação História Cultural/Literatura/Psicologia Analítica que se insere a discussão neste artigo.

“A Mulher Afortunada” resgata algumas questões sociais e históricas sobre a mulher (de forma específica na sociedade porto-alegrense da década de 70-80 e de forma mais geral sobre a mulher na sociedade ocidental) e é escrita por um homem.

Dois pontos, ou melhor, duas passagens chamam a atenção logo no início desta

pequena ficção de Donaldo Schüller e fizeram percorrer esta via de reflexão.

Uma delas: são as duas primeiras páginas, que revelam uma advertência ao leitor (é uma “nota ao leitor”). Nesta nota, o autor lança mão de um recurso que coloca a narrativa na terceira pessoa, porém, somente nestas duas primeiras páginas: ou seja, o que seria um narrador acaba sendo apenas o leitor ocasional do texto que vem a seguir. Mas só se descobre este detalhe ao final. Estamos diante de um homem que descobriu um conjunto de escritos escondidos em uma pasta no porão de uma casa para alugar em Porto Alegre, possivelmente na década de 70 (ou início dos 80), pelo jeito como é colocada a narrativa. Não deixa de ser o “destinatário ocasional” ou mesmo inesperado que Natacha, a protagonista, procurava (mesmo dizendo que não o procurava).

Esta nota/advertência ao leitor lembra os achados que um historiador faz ao ir ao arquivo, ou mesmo procurando outras fontes, quando acaba por se deparar com algo inusitado ou inesperado. Eu mesma, durante minha pesquisa de mestrado em História, nos idos de 1998/9, pesquisando os prontuários médicos do Hospital Psiquiátrico São Pedro de Porto Alegre das décadas de 1930 e 1940, achei, em uma caixa que guardava os prontuários de 1898 (ou seja, uma caixa deslocada da prateleira de sua década), um

prontuário que continha 12 cartas de um paciente internado em 1937, escritas durante a internação, dentro do hospício. Caixa e prontuário deslocados, como vocês podem observar. Estas cartas (mais de 50 páginas quando transcritas e digitalizadas) se tornaram meu grande achado de pesquisa, meu objeto e minha fonte preferencial para trabalhar com representações e sensibilidades sobre a loucura em nosso Estado, em diferentes momentos de minha trajetória como pesquisadora. Fiz descobertas incríveis sobre o autor destas cartas (que coincidentemente era morador de Canoas), publiquei livros, encontrei sua família atual. O historiador se depara com momentos ímpares em seu trajeto de pesquisa. Em outra ocasião podemos conversar mais sobre isto.²

Mas o “narrador” (que só aparece nas duas primeiras páginas) não é um historiador, neste livro. Aliás, ele até diz: “Se encontro outra pasta destas boto no fogo” (p. 10). Que horrível isto para um historiador! Mal sabia ele que ali naquele momento a História Cultural já estava em voga. Ele possuía uma escrita auto-referencial em suas mãos e não deu atenção, mas ainda bem que deixou um editor publicá-las. Na ficção, ele apenas serve de ponto de partida para a narrativa, ao contar como ele achou estes escritos.

Olhando esta obra ficcional sob outro prisma, também bastante caro ao historiador

da cultura, ela nos coloca diante de uma outra questão: a literatura como fonte privilegiada de sensibilidades de uma certa época para o historiador – questão que falaremos logo a seguir.

A outra passagem interessante que chama a atenção é a frase usada pela personagem principal logo no início da trama-monólogo: “não escrevo para ninguém, escrevo numa tentativa de interpretar-me” (p. 11). Além disto, mais adiante na página seguinte, a personagem desabafa: “Sinto-me só. Miseravelmente só. Não sei escrever. Mas preciso encontrar um meio de me comunicar com alguém. Escrevendo talvez consiga comunicar-me comigo mesma. Procuo extrair de mim mesma o outro que não encontrei entre os outros. É muito difícil descobrir-me senão frente a um outro.” (p. 12) Não esperando encontrar um interlocutor, esse foi encontrado em seu próprio eu, ou como se diz na Psicologia Analítica, em seu próprio Self³.

Natasha se vê angustiada frente a uma vida que se tornava monótona. Ela tinha tudo o que uma mulher de classe média porto-alegrense da década de 1970 ou 1980 poderia ter. Seu marido crescera social e financeiramente, moravam em uma excelente casa (tinha vista para o Guaíba e toda a cidade – e isto é contado na nota de advertência inicial, onde aquele que achou as cartas revela

o tipo de casa que ele procurou para alugar, pois gostava de ver a vista e o pôr-do-sol). Tinha suas filhas bem encaminhadas na vida, conforto material, cultural, mas sentia-se só e sem uma motivação para continuar vivendo. Porém, sua ‘alma’, sua psique, pedia mais. Não era o conforto material que sustentava sua individualidade – como, aliás, não o é para ninguém. Na Psicologia Analítica chamamos de Individuação ao processo contínuo de maturação psicológica e que é impulsionado de forma mais consciente quando começamos a realizar nossos potenciais. Ou mesmo este processo é alavancado quando nossa energia psíquica estanca, quando não sabemos o que fazer da vida e somos obrigados a parar e refletir. Muitas vezes nestes momentos temos o impulso de escrever, pintar, modelar argila, ou fazermos terapia, ou mesmo nos entregarmos a atividades antes nunca desenvolvidas. E tanto dentro de um processo analítico como na própria vida, este momento se configura como o ponto de partida para a individuação, de forma mais consciente.

O processo de individuação é o eixo da psicologia junguiana. Ele é definido como o processo de maturação do indivíduo, processo de totalização a partir da síntese das contraposições da consciência com o inconsciente. A individuação é definida como o processo pelo qual o ser humano pode

tornar-se um indivíduo, uma totalidade, ou seja, representa a unicidade interna (síntese). É um processo arquetípico que permite o surgimento lento de uma personalidade cada vez mais ampla, sendo também caracterizado como a jornada do ego (o centro da consciência humana) na busca do aumento da consciência do Self (que é a meta de todo processo). A individuação, em outras palavras é uma tendência instintiva para realizar plenamente as potencialidades inatas, é completar-se, o que significa, nestes termos, aceitar o fardo de conviver conscientemente com tendências opostas. É um percurso longo e difícil de transformação interior e está exemplificado historicamente, entre outros, na realização do Opus (a obra) dos alquimistas, na confecção da pedra filosofal, que é um símbolo do Self.

Na mitologia grega temos um exemplo de individuação nos 12 trabalhos de Hércules (Hércules na mitologia romana). É importante pensarmos também na Mitologia, pois, se na Psicologia Analítica dizemos que ela traz à tona os arquétipos e suas dinâmicas simbólicas que se atualizam com a História, na História aceitamos que os mitos são constituídos historicamente e expressam a mentalidade e o conjunto de valores de um povo em uma determinada época. E quando há alguma alteração desses valores, ou uma mudança no regime político-social, essas

mudanças são em geral captadas pelos mitos, que se modificam para se adaptar à nova realidade daquele povo. De qualquer forma, encaramos o processo de individuação humano como um arquétipo, construído e atualizado historicamente. (JUNG, 2010)

Outra questão a ser observada é que a individuação implica em decisões éticas e vontade. É como se existisse uma predisposição interna que facilita a emergência dos conteúdos arquetípicos à consciência para sua posterior elaboração e assimilação. A ética na individuação consiste numa acurada observância do ego aos sinais e símbolos provenientes do Self, bem como em ser fiel a eles.

E é a partir desta necessidade ética de autoconhecimento, amadurecimento e realização, que a personagem Natacha se vê impelida a escrever sobre si - mesma, a arquivar a própria vida, nesta espécie de escrita auto-referencial.

E aqui adentramos o que na História Cultural, constitui um conceito e também um campo de pesquisa – as sensibilidades, que marcam a emergência da subjetividade nas preocupações do historiador.

Citando a historiadora Sandra Pesavento,

Sensibilidades se exprimem em atos, em ritos, em palavras e imagens, em objetos da vida material, em materialidades do espaço construído. Falam, por sua vez, do real e do não real, do sabido e do desconhecido, do intuído ou pressentido ou do inventado. Sensibilidades

remetem ao mundo do imaginário, da cultura e seu conjunto de significações construído sobre o mundo. Mesmo que tais representações sensíveis se refiram a algo que não tenha existência real ou comprovada, o que se coloca na pauta de análise é a realidade do sentimento, a experiência sensível de viver e enfrentar aquela representação. Sonhos e medos, por exemplo, são realidades enquanto sentimento, mesmo que suas razões ou motivações, no caso, não tenham consistência real. (PESAVENTO, 2003, p.58)

Em outras palavras, as sensibilidades corresponderiam a um núcleo primário de percepção e tradução da experiência humana no mundo; elas comparecem no cerne do processo de representação do mundo, de onde se pode capturar a própria energia da vida.

Porém, para o historiador, é preciso encontrar a exterioridade destas sensibilidades geradas pela interioridade dos indivíduos; precisamos encontrar o registro delas em algo que nos seja passível de resgate. E, entre algumas outras formas, o historiador contemporâneo da cultura dialoga com a literatura a fim de realizar este resgate. Esta, ao tornar-se também um campo de pesquisa para o historiador, dá a ver e a ler o imaginário de uma época. É no diálogo entre história e literatura que se expressa uma gama de sensibilidades através das quais o historiador encontra a reconfiguração do tempo e da memória. Essa reconstituição das sensibilidades no tempo pode ser materializada através de textos e imagens literárias.

A História é uma construção de histórias sobre o mundo; nela, compõem-se enredos sobre o passado: ela é narrativa. A Literatura, por sua vez, é o registro de alguma coisa que também se passou, na esfera do sensível; é o registro de algo que diz respeito a anseios, sensibilidades, medos, apreensões, percepções sobre o mundo: é, portanto, também narrativa. “Ambas são formas de explicar o presente, inventar o passado, imaginar o futuro. Valem-se de estratégias retóricas, estetizando os fatos em narrativas.” (PESAVENTO, 2003, p. 49)

Desde que Paul Veyne, na década de 1980, observou que o historiador seria capaz de fazer a história de um século caber na página de um livro, os limites entre História e Literatura foram definitivamente postos em questão. Suas relações são compreendidas, pela História Cultural, no seu sentido mais amplo e relacionadas ao campo da ficção. Ambas produzem narrativas que implicam na recriação imaginária do real buscando ancorá-lo no verossímil, enfatizando-se o papel das sensibilidades como expressão tradutora de conhecimento, interpretação e atuação no mundo social. Entende-se que a literatura não deve ser reduzida ao simples papel de fonte histórica na medida em que se apresenta como espaço de transfiguração da realidade social, possibilitando o surgimento de outros atores, acontecimentos, memórias, percepções,

comportamentos e sistema de valores estéticos. Vale salientar ainda que a Literatura não fala das coisas acontecidas, mas ela é testemunho de si própria, importando ao historiador, nesta relação, não o tempo da narrativa, mas sim o da escrita: ela é tomada a partir do autor e sua época, o que dá pistas sobre a escolha do tema e de seu enredo, tal como sobre o horizonte de expectativas de uma época.

Por outro lado, pensar as sensibilidades é também mergulhar no estudo dos indivíduos, das subjetividades e das trajetórias de vida, no microcosmo do invisível “estado de ser” do humano, buscando compreender quando as sensibilidades se fazem inteligibilidades. Estes “objetos do sensível” podem ser materializados em textos e imagens literários, abrangendo crônicas, romances, biografias, novelas, manifestos, ensaios e críticas literárias, assim como uma literatura de fundo mais intimista tais como cartas, diários e memórias.

Destaca-se, neste sentido e no enfoque dado pelo escritor Donald Schüller, nesta obra que examinamos neste momento, a questão da *escrita de si*, pois o que Natacha faz é tentar se encontrar através da escrita, mal sabendo ela que um dia seus escritos seriam encontrados e revelados a público (bem como eu fiz quando encontrei aquelas

cartas do paciente no hospício – a quem chamei de TR).

Se ela fosse uma paciente em psicoterapia diríamos que este momento seria aquele ponto detonador, propulsor de uma necessidade interior de individuação, deixando o ego manusear a caneta em busca de uma mais profunda compreensão de si - mesma. Sensibilidade e subjetividade nas cores de sua escrita. E com uma finalidade individual, de crescimento pessoal.

E como historiadores, podemos ir um pouco além disto, ou melhor, usarmos estas sensibilidades para perscrutarmos uma época, pois seus anseios e preocupações são os mesmos de muitas mulheres desta geração ou desta condição social numa cidade em expansão, como Porto Alegre da década de 70-80. Teríamos que entrar em muitos detalhes, e este não é o momento, para vermos o quanto sua vida era a vida de muitas mulheres daquele período.

Arquivar a própria vida faz-nos deparar com vestígios de um passado, vestígios de memórias subjetivas que dão eco a uma memória coletiva. Neste sentido, podemos trabalhar com uma gama diversa de suportes, sendo muitos ocasionais: pedaços de papel, papel de chocolate escrito no verso, cadernos de receitas, blocos, agendas, receituários médicos, tatuagens nos corpos e papéis presos

aos corpos (como há uma pesquisa francesa sobre isto).

Estas práticas de arquivamento passam também pela escrita de diários bem construídos (ou não tão bem), guardar papéis do cotidiano (contas pagas, bilhetes, listas de afazeres e de compras), escrever cartas (que são também chamadas de registros epistolares) e mesmo escrever autobiografias. Foucault (2001) chamava a isto de preocupação com o eu.

Escritas-de-si vêm a possibilitar reconstituições de vidas que não encontraram espaços de sociabilidade para externarem suas visões de mundo, valores e comportamentos. Expressam sensibilidades subjetivas que se encontram, muitas vezes, à margem da história. Porém, uma questão importante a ser trabalhada, é ‘dar sentido aos nossos guardados, estudando a constituição pessoal dos arquivos de vida’. Pesquisamos o individual, o pequeno, o ‘excluído’, os ‘subalternos’, os anônimos, pois eles têm muito a dizer sobre as sensibilidades de uma época e as práticas culturais e sociais de certo momento ou período histórico.

Um dos teóricos que utilizamos para pensar as ‘escritas de si’ é o francês Philippe Artières. Ele nos fala na ‘arte de fazer’, que são estes procedimentos populares minúsculos e cotidianos, que nos revelam

subjetividades e uma construção de redes de sociabilidades.

Mas por que arquivar a própria vida?

Artières diz o seguinte: “arquivar a própria vida é se por no espelho, é contrapor à imagem social uma imagem íntima de si - próprio, e neste sentido o arquivamento do eu é uma prática de construção de si- mesmo e de resistência” (ARTIÈRES, 1998, p.11). E foi isto que Natacha fez.

Somente como curiosidade para quem um dia trabalhar com isto: este autor propõe três aspectos que devem ser analisados, estudados, nos *arquivos do eu*: injunção social, prática do arquivamento e intenção autobiográfica (que pode ser espontânea ou solicitada). Ou seja, trabalhamos com três vertentes interpretativas: o valor social dos arquivos de vida, a maneira de arquivar a vida, os meandros íntimos de tal prática.

Estas escritas ditas ordinárias, domésticas ou cotidianas, têm seu valor no fato dos papéis do dia a dia abrangerem o conjunto da vida como um todo. Daí se depreende que devemos controlar a nossa vida, mas também observamos a necessidade de *existir no cotidiano*. Através destes arquivos pessoais podemos reconstruir narrativas, dotando esta prática de um valor cultural: na vida diária (papéis e cartas), ou no espaço social (anotações de escola, por ex), familiar (os álbuns de família), ou mesmo

práticas científicas (prontuários médicos) ou comunitárias (atas de reuniões, por ex.).

Quando preservadas, criam chances para analisarmos usos e funções da cultura escrita que, como a arte ou a literatura, também contribuem para entender melhor cada época e cada sociedade. Assim, a *escrita auto-referencial* interessa como fonte por estar prenhe de práticas culturais de um tempo, hábitos e valores partilhados plenos de representações de época. Torna-se um bem cultural, ou um objeto cultural.

Concluimos que a ‘escrita de si’ não é uma prática neutra, pois enquanto texto e “lugar de memória”, ela revela sensibilidades na História, servindo também para desafiar a ordem das coisas ao constituir-se num processo notável de subjetivação: ou seja, constrói-se para si uma identidade a partir e em torno das representações que fazem e fazemos de nós. Para P. Artières, é um discurso híbrido que resiste à interpretação: portanto, é um dispositivo de resistência.

E foi como resistência à sua paradoxal vida, feliz e enfadonha, que Natacha escreveu e, impregnando a mente de Donaldo Schüller, intimou-o a nos brindar com esta ficção há 30 anos.

Referências

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.11, n.21, 1998, p.9-34.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2005.

FOUCAULT, Michel. L'Écriture de Soi. In: _____. *Dits et Écrits*. Paris: Gallimard, 2001.

JUNG, C.G. *A Natureza da Psique*. Petrópolis: Vozes, 2010.

PESAVENTO, S. J. *História & História Cultura*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

SANTOS, N. M. W. Escritos de si como reveladores da sensibilidade sobre a loucura. *Nuevo Mundo-Mundos Nuevos* (Paris/EHESS. Online). v.5, 2005.

SANTOS, N. M. W. *Histórias de vidas ausentes - a tênue fronteira entre saúde e doença mental*. Passo Fundo: Editora da Universidade de Passo Fundo/UPF, 2005, v.1. p.191.

SANTOS, N. M. W. *Narrativas da loucura e Histórias de sensibilidades*. Porto Alegre: editora da Universidade/UFRGS, 2008, v.1. p.298.

SCHÜLER, Donaldo. “A Mulher Afortunada”. Porto Alegre: Movimento, 1981.

¹A partir de agora, nesta seção e na próxima, as referências à obra analisada serão feitas somente com o número da página entre parênteses, para efeito de simplificação ao leitor.

²Para detalhamento destas idéias, ver as obras: SANTOS (2005), SANTOS (2008) e o artigo: SANTOS (2005).

³Self é a noção básica da Psicologia Analítica que significa a totalidade psicológica do ser humano, ou seja, o ponto propulsor e ao mesmo tempo a meta de todo processo de individuação, conceituado mais adiante neste texto.